

comunicação, jornalismo e  
espaço público na era digital

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 15 • 2015

MARQUES, José Carlos; MORAIS, Osvando J. de (orgs.) – *Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação*. São Paulo: Intercom, 2012.

No início do texto de «apresentação» da obra, um dos organizadores, Osvando J. De Moraes, escreve uma frase simbólica: «O esporte e a comunicação sempre andaram juntos.» E apresenta um conjunto de argumentos para sustentar esta ideia, trazendo para a discussão a cultura, a política e, certamente a mais importante, a dimensão humana. Uma apresentação talvez demasiado sucinta (três páginas) para um tema bastante aliciente e para um livro com 356 páginas e 15 capítulos.

A «apresentação» complementa, de certa forma, o texto reflexivo do outro organizador, José Carlos Marques, publicado nas badanas da obra sob o título de «Ousadia académica». O texto conta-nos duas histórias, narradas como se fossem uma só e combinadas com sentido argumentativo. Marques explica ao leitor os fundamentos da realização do livro e alude brevemente sobre a histórica e crónica (e difícil?) relação da academia brasileira com o desporto (enquanto objeto de estudo).

Segundo Marques, a génese da obra teve origem no primeiro semestre de 2011 quando a direção científica da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação consultou os diversos grupos de trabalho sobre a escolha da temática para o congresso de 2012. O presidente da associação, Antonio Hohlfeldt, sugeriu o tema do desporto e as suas relações com a comunicação, recebendo o apoio do presidente de Honra, José Marques de Melo, que aventou o título do congresso (transposto mais tarde para o livro): *Esportes na Idade Mídia – diversão, informação e educação*.

Em setembro de 2011, os sócios da INTERCOM aprovaram o tema por unanimidade, em assembleia geral. Para Marques, este foi um ato de «coragem» uma vez que se tratava ainda de uma temática «refém de estigmas variados», dando como exemplo o facto de 40 por cento dos internautas que se pronunciaram sobre a escolha do tema, no site da INTERCOM, o terem desaprovado. Para o autor (também ele investigador no campo da comunicação e desporto), essa reação explicitava um sentimento comum aos investigadores que nas suas carreiras académicas incluíram o desporto como objeto de pesquisa: «o de isolamento académico». Entre as justificações para tal posicionamento encontravam-se: a longa tradição de estudos, entre as décadas de 1960 e 1980, que associaram o desporto aos conceitos de disciplina e alienação, assentes numa visão neomarxista que relacionava o desporto a uma atividade de tempo livre, de lazer, ao «tempo não útil», tornando-se «um tema marginal» em relação a outros «temas importantes» da vida social; e a própria forma como o jornalismo brasileiro encarou o desporto durante décadas, como um «tema menor» quando comparado com a política, a economia, as relações internacionais, etc.

Para Marques, o mérito principal do livro é precisamente o de «demonstrar o quanto o desporto pode – e deve – constituir-se num objeto de pesquisa académica», dada a «multiplicidade de imbricações socioculturais» que o desporto estabelece no Brasil e no mundo inteiro. E justificava-se ainda mais numa altura em que o Brasil já vivia a sua «década de ouro desportiva», com a organização do Mundial de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. O desporto configurava-se assim como «assunto digno», e nós acrescentamos incontornável, «de reflexão por parte das

ciências humanas e das ciências da comunicação». A finalizar, Marques instava para que não fossem precisos mais 35 anos (a INTERCOM foi fundada em 1977) para a associação voltar a incluir o desporto na sua agenda científica. Este apelo também se poderia fazer em Portugal, pois a principal associação de estudos de comunicação, a SOPCOM, criada em 1998, não incorpora na sua estrutura nenhum grupo de trabalho sobre comunicação e desporto, num país em que o tema lidera as audiências (e.g. em 2014, o ranking dos vinte programas de televisão mais vistos em Portugal foi ocupado, na íntegra, por jogos de futebol).

No prefácio, o presidente da INTERCOM, Antonio Hohlfeldt, lembrou que «teve gente que torceu o nariz» à escolha do tema, mas esta revelou-se um «acerto», contribuindo para quebrar «mais um tabu», com o livro a assumir «um contributo importante» para a discussão. E embora reconhecesse que «poderia – deveria – haver mais textos» na obra, esta se iria tornar «referencial» com o tempo, dada a qualidade dos seus contributos, «assinados por pesquisadores» com larga experiência no campo da comunicação e «há muito tempo» dedicados aos temas escolhidos.

Feito este prólogo aos precedentes e imaginários subjacentes à criação do livro, centremo-nos agora nos 15 capítulos que o compõem.

Primeiramente, observa-se a ausência de uma estrutura que englobe os resumos dos capítulos e um breve currículo dos autores, a qual permitiria facultar ao leitor um panorama geral da obra. Acresce que os artigos não apresentam um resumo, pelo que inferir o seu conteúdo a partir do título pode tornar-se enganador e/ou redutor. A segunda nota que nos parece relevante é o facto do livro englobar somente três autores estrangeiros (um

português, um espanhol e um argentino) e todos eles do campo da sociologia, o que certamente dificultará a possibilidade do livro se tornar «referencial» fora do Brasil, como afirmou Hohlfeldt (o facto de ser publicado, apenas, em língua portuguesa e espanhola restringe-o, desde logo, ao espaço científico ibero-americano).

Dos três autores estrangeiros, o nome de maior projeção e reconhecimento internacional é o espanhol Miquel de Moragas Spa, seguido do argentino Pablo Alabarces (conhecido sobretudo na América Latina) e da portuguesa Salomé Marivoet (com visibilidade em Portugal e no Brasil) – os três aparecem por esta mesma ordem no livro, nos três primeiros capítulos. Seguem-se 12 capítulos de autores brasileiros, de diferentes áreas científicas e com temas bastantes distintos, o que tanto pode ser explicado pela diversidade do próprio tema como pela inevitável arbitrariedade de quem nele comunica. Ao estar dependente de quem, espontaneamente ou por convite, participa num congresso, este género de obras ficam reféns desse cariz aleatório, transformando-se, muitas vezes, numa amálgama temática, de difícil conjugação para os organizadores das mesmas. Apesar disso, esta obra não deve ser olhada como um Livro de Atas (com artigos completos) de um congresso, uma vez que ultrapassa claramente esse desígnio, cumprindo com o objetivo dos seus organizadores.

Em geral, os artigos publicados nesta obra apresentam três géneros (algumas vezes entrecruzando-se): teórico-reflexivos, histórico-descritivos e estudos de caso. No primeiro âmbito, mais teórico, enquadram-se os artigos de Miquel de Moragas Spa (capítulo 1) sobre a relação entre comunicação e desporto na «sociedade global», trazendo à discussão a cultura, o futebol, o espetáculo desportivo e os novos meios de comunicação; de Édison Gastaldo

(capítulo 5), que «discute» as ideias do pensador holandês Johan Huizinga na sua obra *Homo Ludens*, de 1938, clássico que «lançou as bases para o estudo dos desportos modernos em perspectiva social»; de Ronaldo Helal (capítulo 6), numa interessante análise teórica e bibliográfica sobre futebol, comunicação e a ideia de Nação (brasileira); de Márcio Guerra (capítulo 8), numa introspeção sobre o legado do jornalismo desportivo após os megaeventos, projetando o pós Mundial de Futebol de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016; e de Kati Caetano (capítulo 9), que teoriza sobre o corpo, a estética e os sentidos e a sua presença no fotojornalismo desportivo brasileiro contemporâneo.

De cariz histórico-descritivo surge o artigo do historiador Victor Andrade de Melo (capítulo 4), sobre a relação entre desporto e imprensa no Rio de Janeiro de finais do século XIX e inícios do século XX.

Finalmente, temos os estudos de caso, abordados em nove capítulos, apresentando na sua generalidade um adequado enquadramento teórico sobre os temas abordados: no capítulo 2, o sociólogo argentino Pablo Alabarces aborda a relação entre o futebol e a televisão no contexto cultural argentino, numa perspetiva histórico-crítica; no capítulo 3, a socióloga portuguesa Salomé Marivoet analisa o desporto português durante o período democrático do século XX (1974-2000), de forma a compreender «a conflitualidade da ética do desporto enquanto fenómeno sociológico, assim como as tendências da sua regulação, nomeadamente a ação dos média.»; no capítulo 7, José Carlos Marques debruça-se sobre o *fair play* e a ética no comportamento em campo dos futebolistas Cristiano Ronaldo (Portugal) e Neymar (Brasil), em seis diferentes momentos das suas carreiras; no capítulo

10, Luciano Klockner e Rodrigo Adams refletem sobre o espetáculo desportivo, o futebol e a rádio, centrando-se no popular programa radiofónico brasileiro «Caravana do Gauchão»; no capítulo 11, Nelia Del Bianco e Monique Rodrigues examinam a cobertura desportiva na televisão pública brasileira; no capítulo 12, Ana Temer estuda os vários aspetos do desporto brasileiro na televisão brasileira, focando-se na Rede Globo de Televisão; no capítulo 13, Iluska Coutinho foca o uso da música e do humor como elementos estratégicos do «telejornalismo desportivo»; no capítulo 14, Vera Camargo analisa os Jogos dos Povos Indígenas Brasileiros, criados em 1996, e o seu papel cultural e representações mediáticas; e no capítulo 15, de Rosa Costa, encontra-se um artigo descritivo da ação de um grupo de comunicação (GRPCOM – Grupo Paranaense de Comunicação) numa determinada região do Brasil (Paraná), com vista à cobertura noticiosa do Mundial de Futebol de 2014, abordando também a relação desse grupo com a INTERCOM.

César Rodrigues

Investigador Colaborador do CEIS20.

Email: cesarseter@gmail.com

Francisco Pinheiro

Bolseiro de pós-doutoramento da FCT

Investigador Integrado do CEIS20.

Email: franciscopinheiro72@gmail.com

[http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622\\_15\\_14](http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622_15_14)